

Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
AVEIRO

# POVO DE AVEIRO

SEMAMARIO REPUBLICANO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO,  
EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 271

**Assignaturas**  
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fora de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).  
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º Anno

## A ALLIANÇA INGLEZA

Terminavamos o artigo editorial do nosso ultimo numero dizendo:

«A alliança da Inglaterra com este paiz não é uma alliança dynastica; é uma alliança nacional. E' uma alliança que convem á Gran Bretanha, ou haja entre nós republica ou haja monarchia. A Inglaterra ha de pensar, no momento opportuno, se lhe vale a pena revoltar contra si o sentimento inteiro d'um povo, que já hoje—sabe-o ella muito bem—vive divorciado da monarchia.»

Concluimos dizendo que só uma coisa pôde prolongar a existencia da monarchia, governando ella mal: não o casamento do filho do sr. D. Carlos de Bragança com a neta de Eduardo VII, mas a imbecilidade dos republicanos.

E' um ponto de tamanha importancia politica que vale a pena demorarmos-nos sobre elle um instante.

Foi o *Povo de Aveiro* o primeiro jornal republicano que defendeu a alliança de Portugal com a Inglaterra. Ao principio causou isso um certo pasmo no campo democratico. Mas a reflexão veio logo a seguir, e a idéa não foi tida por disparatada. Hoje já varios publicistas republicanos advogam o mesmo principio, que tem ganho muito terreno entre os nossos correligionarios, e expõem-no sem receio de ferir susceptibilidades d'um sectarismo estreito.

Portugal precisa d'uma alliança. Não pôde viver isolado. Qual é a que mais lhe convem no estado politico actual da Europa? E' a alliança ingleza. Porque a temos nós então combatido, nós, os republicanos? Por estarmos convencidos de que a Inglaterra só tem querido a alliança portugueza para nos roubar as colonias, e que, por isso mesmo, é inimiga do regimen republicano que, triumphante, lhe poderia contrariar os propositos.

N'essas condições, a Inglaterra só nos queria fracos, abatidos, miseraveis.

Tal tem sido o velho argumento, a velha convicção dos democrates portuguezes.

Ora, como nós o dissémos no primeiro dia em que tratamos o assumpto, essa convicção é profundamente errada.

A Inglaterra tem toda a vantagem em que Portugal seja uma nação forte, bem administrada, bem organizada, por isso mesmo que a nossa alliança lhe convem extraordinariamente. E não lhe convem para nos roubar as colonias. Estaria, para isso, muito mais desembaraçada se não mantivesse connosco alliança nenhuma. Convem-lhe pela nossa excepcional posição geographica. E' certo que, nos seus arrosos de expansão colonial, mais do que uma vez nos tem levado colonias. Mas esse facto era fatal, com alliança ou sem alliança. A differença, com a alliança, é toda a nosso favor. Com ella, temos conservado grandes extensões territoriaes. Sem ella, teriamos perdido quasi tudo, ou tudo, como perdeu a Hespanha.

As nossas conquistas eram demasiadamente grandes para os nossos recursos. Foi sempre uma loucura querer mante-las intactas. Deviamos ter feito, de parte d'ellas, uma venda sensata á Inglaterra.

Não quizemos porque nunca tivemos juizo para nos governar. A consequencia necessaria era a expropriação forçada. Foi o que succedeu. Expropriação forçada e justa. Era uma pretensão absurda, essa de querer conservar a posse de terrenos enormes, sem cultura, sem progresso, sem civilização. Não faziamos senão irritar, com isso, a consciencia universal, justificando os actos de violencia e de força dos povos civilizados.

A Inglaterra, pois, fez o que faria outro qualquer povo nas mesmas condições. Mas é justo confessar que ainda nos deixou mais do que o sufficiente para a nossa actividade. Deixou-nos muito, muitissimo. O bastante para sermos um grande povo colonial. Se o não temos sido, não é por culpa d'ella, que não nos contrariou, antes nos tem auxiliado n'esse intento. E' por culpa nossa, que temos persistido n'uma vida desordenada e dissoluta.

E' um erro, um grande erro, suppor que a Inglaterra nos quer abatidos. Para isso seria necessario demonstrar que a sua conveniencia, em relação ao nosso paiz, está unicamente nas nossas colonias. Ora essa demonstração é impossivel. Mesmo depois de termos perdido a ultima colonia, seriamos, pela nossa situação geographica na Europa, e porque ainda valeríamos alguma coisa, uma alliança utilissima á Inglaterra.

Sendo isto incontestavel, sendo incontestavel tambem que em pontos importantes d'alem mar não tem a Inglaterra connosco conflictos de interesses que a levem a prejudicar-nos, ou nós imaginamos a Gran Bretanha uma nação de idiotas, ou havemos de acreditar, sem reluctancia, que o grande interesse d'ella é vermos fortes, bem organizados, bem administrados, ricos, fartos, prestigiosos, conservando a maior parte das nossas colonias florescentes e prosperas.

N'estas condições, tem a Inglaterra interesse em manter a monarchia portugueza? Tem, e não tem. Tem, se os republicanos continuarem a manifestar por ella o rancor, ou má vontade, que tem patenteados tantas vezes. Não tem, se os republicanos acceitarem sinceramente a alliança tradicional que ella vem mantendo connosco.

A Inglaterra sabe muito bem o que se passa em Portugal. E' cuidadosamente informada de todas as intrigas da nossa politica, de todos os enredos da corte, de todos os escandalos, de todas as minudencias da nossa vida caseira. Nem os actos da vida particular dos nossos magnates deixam de ser por ella cuidadosamente registados. Sabe tudo. Ora, sabendo tudo, ha de ter verdadeira repugnancia pelo regimen em que vivemos. Ha de lamentar—e lamenta—a nossa incapacidade administrativa. Ha de censurar—e censura—o cynismo dos homens que nos governam, a sua falta de patriotismo e de pudor. Ha de lastimar—e lastima—que não tenhamos exercito, que não tenhamos finanças, que não tenhamos coisa alguma que n'um momento dado seja um valor positivo e real.

Se em Portugal houvesse um partido capaz de organizar a força armada, de organizar as finanças, de estabelecer a moralidade na vida publica, de morigerar os costumes, de fazer d'isto um paiz forte, moralizado, respeitado, a Inglaterra havia de guerrear esse partido?

Só se ella estivesse doida! Mas esse partido é impossivel no regimen monarchico. Tambem os estadistas inglezes, elles, que conhecem tambem a nossa corte, os nossos homens, eles, que sabem historia, que conhecem a fundo a lei dos regimens mribundos, se não illudem a tal respeito.

Não. Elles bem salem que esse partido só pôde surgir d'uma convulsão nacional. E ou stppõem Portugal irremediavelmente perdido, ou tem como certa essa convulsão n'um praso mais ou menos longo. Contam com ella.

Como a recebem? Recebem-na mal, sem duvida, se ella attentar contra os seus interesses.

A Inglaterra é um paiz livre. E' um paiz de opinião. O rei, lá, tem a influencia pessoal que tem sempre um chefe de estado, seja monarchico ou seja republicano. Mas uma influencia muito restricta, que não pôde brigar com os desejos, as tendencias, as correntes da nação. Intervenem com repugnancia nos conflictos internos dos outros paizes. E quando intervem é, geralmente, a favor da liberdade. Em Portugal foi por D. Pedro contra D. Miguel. E quando veio por D. Maria II, veio com manifesta reluctancia, como já dissémos, veio arrastada pela Hespanha e pela França, e, assim mesmo, a pretexto de impedir o restabelecimento de D. Miguel.

Tudo isto quer dizer que a monarchia só será apoiada em Portugal, n'um momento critico, pela Inglaterra, se os republicanos forem imbecis.

Não se illudam com as honrarias concedidas ao sr. D. Carlos. O sr. D. Carlos é o chefe do Estado portuguez. O sr. D. Carlos tem sido um grande amigo da Inglaterra. Toda a opinião publica ingleza considera os republicanos profundamente hostis á alliança entre Portugal e a Gran Bretanha. E' natural, portanto, que o sr. D. Carlos seja muito festejado na Inglaterra. Mas o que é certo é que a Inglaterra sabe tambem que Portugal, ou liquida com o regimen actual, ou ha de procurar a salvação em outro regimen.

Tenham, pois, os republicanos juizo, que, se o tiverem, pôdem tranquillamente confiar no futuro.

## ALERTA!

Mão desconhecida, que se vê ser de pessoa atilada e a par do que se passa, escreve, e manda-nos, a carta que se segue:

Sr. REDACTOR

O *Mundo* tem, como toda a gente sabe, relações muito intimas com o sr. Dantas Baracho. Como consequencia d'essas relações, o diario republicano apressa-se sempre a transcrever, ou registrar, todas as referencias elogiosas áquelle general. Porque seria que o *Mundo* fez uma excepção para o artigo do ultimo numero do *Povo de Aveiro*?

E' caso! Mas grande caso! E' verdade, sr. redactor, é grande caso! Mas grande caso que me não surprehendeu só a mim; que surprehendeu muitos outros republicanos.

Posso garantir-lhe que os amigos do sr. Dantas Baracho tinham, não ha muito tempo ainda, especial empenho em obter do seu jornal uma referencia importante ao fo-

lho onde foram colligidos os discursos do illustre militar.

De que provem, então, um tal silencio, depois de feita a referencia?

O *Mundo* recebeu o *Povo de Aveiro* na ultima segunda-feira. No dia immediato, terça, fazia o mesmo *Mundo* uma referencia a um louvor ao sr. Baracho escripto pelo sr. dr. João de Menezes no *Norte*. Porque não aproveitou o *Mundo* a occasião para citar, ao menos, o artigo do *Povo de Aveiro*?

Seria porque o *Povo de Aveiro* teve o cuidado de lembrar ao sr. Dantas Baracho que já não ha lugar para *illusões* nem para *sophismas*, isto é, que inutil se torna tentar fazer *reconsiderar* a monarchia?

Olá, olá, que o caso é sério! Muito sério! Não para os imbecis, evidentemente, mas para os que pensam e tem amor aos principios republicanos e ao seu paiz.

Se o artigo do *Povo de Aveiro* tivesse sido tolamentemente escripto, eram capazes de fazer uma edição especial do *Mundo* para o transcrever. Mas como estava escripto com ponderação e habilidade, salvando os principios republicanos, silencio profundo.

Ora bem. N'esse caso, indispensavel se torna que v., sr. redactor, torne a dizer que é inutil *tentar levar a monarchia a bom caminho*; que *é um erro gastar forças e fazer esforços n'esse sentido*; que nós precisamos muito de homens com as qualidades viris do sr. Dantas Baracho, *mas não pondo de parte a questão de instituições*. Emfim, *que ou republica, ou nada*.

Como bom republicano que sou, sr. redactor, eu desejava muito, para honra e prestigio dos principios que professo, que os meus correligionarios não fossem novamente *codilhados*. Tem-o sido tanta vez....

Por isso peço a v., que toda a vida soube prever esses *codilhos*, que nunca deixou de os combater, que conserva hasteada e bem firme a bandeira da democracia pura, peço a v. que esteja alerta, que estimule os que fraquejam e que desperte os que dormem.

Alerta!  
Alerta!

De v.

antigo assignante e leitor.

## EXPLORAÇÃO

Andam por ahi muitos exploradores que pôdem trabalhar a implorar a caridade publica, e outros que não precisam por terem bens.

A policia compete averiguar quem elles são.

## Aos nossos assignantes

Prevenimos os nossos estimaveis assignantes de que vamos proceder á cobrança das assignaturas. Esperamos dever a todos o favor de pagarem logo que lhes seja apresentado o recibo, a fim de nos serem poupadas despezas e trabalho com nova apresentação de recibo.

Aos nossos assignantes das localidades onde o correio não faz cobrança pedimos o favor de nos mandarem a importancia em estampilhas, ou vales do correio.

Esperamos de todos a fineza de accederem ao nosso pedido.

## OS GRANDES REFORMADORES

Alguem nos manda um numero do *Norte*, de domingo 2 de outubro, com umas passagens, marcadas, d'um artigo do sr. José Caldas.

Agradecemos.

Não tinhamos lido esse artigo. Desde que o sr. José Caldas subordinou uns artigos á these *Valerá a pena instruir o povo?* pronunciando-se pela negativa, confessamos que nunca mais tornámos a lêr uma palavra dos escriptos d'aquelle cavalheiro. Para nós a intelligencia não está na phrase mais ou menos elegante, na palavra mais ou menos burilada, na construcção grammatical mais ou menos correcta, ou mais ou menos artistica. Todo aquelle que se preoccupa com isso, envaidecendo-se com a fórma, dá-nos uma impressão mesquinha. Chamem-lhe o que quiserem. Para nós é uma creatura secundaria.

Contentamo-nos com que se escreva com clareza, e com uma fórma regularmente correcta. Se o escriptor junta á elegancia e distincção da phrase a profundidade da idéa, se é um artista e um pensador, é oiro sobre azul, não ha duvida nenhuma. Attinge-se, n'esse caso, a perfeição. Mas entre um homemsinho a dizer disparates n'uma phrase muito artistica e um homem a dizer grandes verdades, a advogar grandes principios, a proclamar nobres idéas em termos menos artisticos, nós não hesitamos em afirmar que a intelligencia, o valor, a superioridade está com o segundo.

E' preciso que ponhamos termo á adoração pelintra por esses homemsinhos cuja preoccupação exclusiva é o estylo. E' preciso que nos convençamos de que esses cavalheiros valem pouco e de que em vez de serem a gloria d'um povo são a prova fulminante da sua esteridade. Um povo que só produz estylistas, isto é, sujeitos para os quaes tudo se subordina á *arte de dizer*, é um povo inferior.

Posto isto, nada temos que dizer sobre a insistencia com que o referido sr. José Caldas continua a entender que *não vale a pena instruir o povo*. E nada temos que dizer porque, com as palavras que deixamos escriptas, fica, sobre o cavalheiro, dicto tudo.

Só lamentamos que todos os *reformadores*, que vem para o partido republicano, sejam d'essa laia, e que se encarnicem a dizer asneiras que compromettem gravemente os principios democraticos. E que os comromettem, sobretudo, pela alta cotação dos cavalheiros, pelos elogios bombasticos, pela adoração que os

propios republicanos lhes teem votado.

O sr. José Caldas a troçar das cartilhas, da regeneração do povo pelo A B C, das cartilhas pedagogicas de João de Deus, a proclamar que não vale a pena instruir o povo, a pedir só educação, como se educação e instrução se não confundissem intimamente, desceu tanto, coitado, do seu pedestal de grande homem que não merece, já, que o discutam. Mas o sr. José Caldas, gloria do partido republicano, esperança futura, um d'aquelles aos quaes a patria confiou a sua redempção, não pôde passar sem um protesto vehemente, sem um grito d'indignação, quando á sombra d'uma bandeira de nobres ideaes os compromette com asneiras, prejudicando o trabalho d'aquelles que sinceramente lutam pelos principios que elle não soube amar porque os não soube comprehender.

Como o partido republicano seria feliz em se vêr livre d'estes cavalheiros definitivamente!

### Corridas

Realizam-se hoje na pista das piscinas do Cojo as corridas por nós annunciadas anteriormente, promovidas pelo «Club dos Gallitos».

Tambem a «Sociedade Recreio Artístico» dará no primeiro domingo do proximo mez uma corrida na estrada da Barra, tendo para isso já muitos objectos de valor.

## EM AFRICA

Não nos causaram grande espanto os tristes acontecimentos do sul d'Angola. Quem escreve estas linhas ouviu dizer muitas vezes, a muitos dos officiaes que tomaram parte nas expedições africanas, que se não fosse a muita sorte que nos acompanhou, quasi todas essas expedições, com as quaes se commetteram erros deploraveis, teriam terminado por grandes desastres. Muitas vezes —attenda-se bem a isto— nós ou vimos fazer essa affirmação aos proprios officiaes que foram á Africa, affirmação, por todos os titulos, insuspeita.

E nunca encontrámos, entre elles, duas opiniões differentes. Pôde ser que nem todos dissessem o mesmo. O que garantimos é que todos aquelles com quem falámos foram unanimes e accordes na affirmação que deixamos mencionada.

Ora se a fortuna, a felicidade, a sorte, foi a primeira condição de successo d'aquellas expedições que apontamos como gloriosas, sendo a sorte instavel, e mais susceptivel de mudar do que o vento, era de esperar que as victorias se transformassem, de repente, em grandes derrotas.

O official portuguez é corajoso, e o soldado tambem. Mas soffrem dos vicios do meio, que toda a gente conhece. Além d'isso, as expedições são geralmente mal organisadas.

Muitas vezes o commandante é mau, e faz asneiras que não lembram a um cabo d'esquadra. Outras vezes o commandante suppre, com o seu bom senso, com a sua intelligencia, muitas faltas, muitas deficiencias, mas comprehendendo-se bem que não poderá suppri-las todas.

Como todos os povos desmoralizados, mal educados, vivendo

uma vida de hypocrisias, de imposturas, somos imprevidentes, descuidados, relaxados. Enganamo-nos a nós proprios, com uma confiança excessiva, ou falsa. D'ahi, o risco de sermos collidos pela desgraça a toda a hora, que é o que succede a quem só se lembra de Santa Barbara quando dão trovões.

O commandante da expedição contra os cuanhamas commetteu, talvez, erros lamentaveis. Fazer um reconhecimento, nas condições d'aquelle que deu a morte a tantos infelizes nas marges do Cunene, seria um d'elles. Reconhecimento que se repetiu tres vezes! Mas erros maiores se commetteram em outras expedições.

Caçadores n.º 2 desembarcou em Lourenço Marques sem armas, que ficaram a bordo, estando a cidade ameaçada d'uma invasão do inimigo, que estava a dois passos d'ella! Dois ou tres dias esteve o batalhão desarmado dentro da cidade. Se os pretos a teem assaltado n'essa occasião, cortariam facilmente a cabeça aos militares e aos moradores!

Em Marracuene tudo dormia tranquillo, quando se deu a surpresa. A escuridão era profunda, sem um aparelho para dissipar aquellas trevas.

Commetteu maior erro do que esses o commandante da expedição contra os cuanhamas? Não. Foi mais infeliz. Ou, por outra, os pretos da provincia d'Angola foram mais habéis que os pretos da provincia de Moçambique.

E erros graves se commetteram em Coeella, mais estavam lá muitos figurões.

Fomos d'uma felicidade estupenda, diziam todos os officiaes que entraram n'essas expedições.

Pois bem. A felicidade havia de acabar um dia. Acabou agora! Seria muito conveniente que os jornaes vissem a questão por esse prisma, em lugar de estarem augmentando o desvairamento geral com especulações partidarias.

As expedições africanas são, por muitos titulos, dignas de profundo estudo e seria reflexão. Teriam sido quasi todas escusadas, se os funcionarios portuguezes tomassem mais a peito a justiça. São elles que as provocam, muitas vezes. A ellas se ligam interesses de toda a ordem. Com ellas se prendem manobras de todas as especies. Isto já se tem dicto. Ainda agora vem confirmar esse facto a phrase celebre do capitão Aguiar: *consoante os interesses...*

Ora isto é grave. Muito grave. A vida dos portuguezes, e o dinheiro da nação, não podem estar á mercê de ignobéis especulações.

Umaz vezes os pretos revoltam-se por serem tratados iniquamente. Outras vezes são mesmo obrigados a revoltar-se, á força, para justificar repressões. Uma expedição, justa ou injusta, organisa-se sempre no meio de intrigas, de invejas, d'ambições inqualificaveis. Mousinho d'Albuquerque poz a lume algumas d'essas torpezas africanas. O capitão Aguiar insinua-as abertamente. Ainda n'outro dia officialmente se comprovaram na questão do Bailundo. E, comtudo, a opinião publica não tem sido atrahida para esse caso gravissimo.

Pois bom seria que a imprensa se dedicasse de preferencia a

esse ponto de extraordinaria importancia.

Portugal não pôde deixar de manter a sua soberania em Africa. Venham todos os sacrificios, quando elles sejam precisos. Mas não sejamos todos victimas de manifestas traficancias.

Se as expedições fossem honestamente motivadas e honestamente organisadas, se lhes presidisse espirito de justiça e de patriotismo, teriam sido bem poucos os nossos sacrificios em homens e em dinheiro. Sendo, como ás vezes succede, uma arma d'especuladores, não lhes assistindo um grande caracter de seriedade, é claro que são desordenadas e que ficamos sujeitos a todas as contingencias.

De resto, como não conhecemos a verdade do que se passou além do Cunene, achamos melhor aguardar informações exactas, do que fazer conjecturas, que podem ser erradas.

### Homens em perigo

Na terça-feira d'esta semana, esteve quasi toda a companhia do sr. Manuel da Rocha, em S. Jacintho, prestes a succumbir.

Tendo o barco ido com mar manso, ao regressar á praia tinha embravecido repentinamente, o que fez com que a embarcação se virasse. Não morreu nenhum tripulante, mas ficaram alguns gravemente feridos.

## Cartas d'Algures

14 DE OUTUBRO.

Eu não escrevi que o curso dos lyceus é um curso superior, como sahiu na ultima carta. Essa que fiz, como outras, á conta do revisor.

Posto isso, voltemos ao assumpto.

Lá vinham esta semana, no *Diario de Noticias*, os topicos da projectada reforma de ensino secundario.

Ora vejamos alguns, segundo a ordem porque o *Diario de Noticias* os refere.

O ensino do latim é muito reduzido. E' a primeira tolice.

Tenho na minha frente o *Report of the Commissioner of Education for the year 1902*, publicado pelo ministerio do interior dos Estados Unidos da America do Norte, dois grossos volumes, o 1.º de 1176 paginas, o 2.º de 2447 paginas, o melhor trabalho e mais completo que eu conheço sobre a instrucção em todos os paizes do mundo, e por elle se vê como o latim ainda é estudado a valer nos paizes mais progressivos e cultos da Europa e da America, bem como nas colonias inglezas da Africa, Ásia e Oceania.

Que o latim não seja obrigatorio para todos os individuos que se limitem aos cursos commerciaes, industriaes, agricolas, ou que os obriguem a estudá-lo ligeiramente, vá. Mas que não seja obrigatorio para todos os que pretenderem frequentar os cursos superiores, os cursos universitarios, ou com caracter universitario, ou se destinem a direito, ou a medicina, ou a mathematica, ou á vida civil ou á vida militar, não se admite, não se desculpa. Esses não só devem estudar latim, como devem estudá-lo com profundeza.

Que não o estudem os commerciantes, os industriaes, os operarios, os lavradores. Mas que o estudem as classes dirigentes, as classes d'élite, as classes intellectuaes, pelo papel civilizador que elle representou, por ter sido a lingua do direito, da democracia, da liberdade, ao qual se ligam todas as tradições da nossa vida civil e politica, as origens da litteratura europeia. Uma nação de raça latina a pôr de parte o latim, é mais um dos tantos desvairamentos e dislates que se accumulam na vida nacional.

Eu sou partidario acerrimo dos estudos classicos. Por isso mesmo quereria que se estudasse o grego além de se estudar o latim. E quando sou partidario acerrimo dos estudos classicos não faço mais do que ser coherente com as minhas aspirações patrioticas e com os meus principios democraticos.

O imperador da Allemanha combateu o latim, e o sr. Abel d'Andrade e outros sentem-se honrados por irem na esteira do cezar. Mas a verdade é que nem por todas as classes dirigentes da grande Germania terem estudado profundamente o latim, porque o estudaram, ella deixou de adquirir a supremacia que adquiriu nas sciencias, na arte, nas industrias, no commercio e na guerra.

Todos os milhares e milhares de estudantes, que frequentaram as universidades allemãs, estudaram latim a fundo. E até grego. Ninguém desdenha do latim na Inglaterra, nem nos Estados-Unidos da America do Norte. Teremos nós a pretensão de ser mais praticos que os allemães, os inglezes e os americanos?

Fouillé, que é uma auctoridade incontestavel, depois de ter registado que toda a corrente intellectual da Allemanha, da Inglaterra, da America, da Russia, da Belgica, e d'outros paizes, é a favor do latim, escreve no seu livro *Les Études classiques et la Démocratie*:

«Assim, no momento em que todas as outras nações ficam fieis a uma lingua que não é, comtudo, para ellas uma lingua mãe, a França, n'uma situação politica diminuida, n'uma situação industrial ameaçada, commetteria uma soberana imprudencia, pondo-se fóra das tradições universaes e das suas proprias tradições nacionaes! Estamos nós tão seguros do futuro que nos possamos permittir eguaes experiencias *in anima nobili* sobre a nossa propria patria?»

Esquecidos das nossas mais altas tradições, os espiritos utilitarios não sonham senão com industrias, commercio e colonias. Ora, é preciso, certamente, evitar que a França succumba na lucta industrial; mas não esqueçamos que o nosso principal meio d'influencia internacional está no dominio do pensamento e da arte, nas industrias d'elegancia e de gosto. Se mantivermos uma forte educação scientifica, litteraria e moral, o resto virá a seu tempo; se, pelo contrario, perdermos o nosso prestigio litterario e artistico, se o nivel intellectual e moral da nação baixar, o que nos resta? A nossa riqueza? Não é inexgotavel e a riqueza crescente das outras nações acabará por lhe arrebatar o seu valor relativo, ao mesmo tempo que a nossa despopulação diminuirá o nosso poder militar. Não é, pois, o momento de renunciar á qualidade, já que não podemos contar com a quantidade. Devemos manter-nos um paiz de cultura intellectual tão alta e tão intensiva quanto possivel. A nossa salvação está ali.»

Isto é em França, onde a reforma de instrucção secundaria assentou n'um formidavel inquerito. Não é em Portugal, onde essa reforma se faz com a consulta de meia duzia de professores apontados a dedo pelo sr. director geral de instrucção publica.

Mas isto é assumpto muito demorado. Por isso mesmo, á falta, n'este instante, de tempo para mais, ficaremos hoje por aqui.

Na proxima carta falaremos ainda do latim, passando depois aos outros topicos da obra do sr. director geral de instrucção publica, que desde já se nos afigura uma obra desgraçada.

A. B.

### BILHAR

VENDE-SE um ainda em muito bom uso com todos os seus accessorios. Quem pretender liriça-se a Joaquim Ferreira Felix, Aveiro.

Estão proximas as eleições municipaes, e pôde-se dar como definitivo que os francaceos não as disputarão no concelho d'Aveiro. Isto vem confirmar o que tantas vezes aqui dissémos, isto é que Aveiro acabaria por repellir a politica ignobil feita por um bando de reaccionarios, de especuladores, de apostatas da mais infima especie.

Em 1900 obtiveram os homens, que representam actualmente o franquismo em Aveiro, 600 votos de maioria, em todo o concelho, sobre os seus adversarios progressistas. Em 4 annos perderam tanto terreno que se não atrevem a disputar a eleição municipal.

Nem as especulações praticadas com os vendedores das aldeias, a proposito do augmento do imposto do piso, nem uma infamissima campanha d'imprensa, em que tudo se desvirtuou, sem se recuar deante dos processos mais vis para comprometter os adversarios na opinião publica, conseguiram evitar a derrocada d'esse bando de salteadores, hoje reduzido ás condições d'um grupello abjecto, mas ridiculo. Antes se poderá dizer que foi precisamente em consequencia d'essas torpes especulações, d'essas ignobéis campanhas jornalisticas, que os miseraveis se viram completamente abandonados da opinião publica.

Que resultado tiraram os bandoleiros das porcas diatribes, das calumnias repugnantes, da suja diffamação systematica do mais asqueroso pasquim que hoje se publica em Portugal? O que conseguiram? Conseguiram a queda mais desastrosa, e a situação mais humilhante, que se regista ha muitos annos na politica local.

Andando a fazer a côrte, n'um servilismo degradante, ao sr. Mattoso, recebem d'elle a recompensa de lhes dar com os pratos na cara. E tão baixo desceram que para que o sr. Athanasio de Carvalho, que faz parte da camara actual, seja reeleito, forçoso se tornou que esse senhor abandonasse a politica do sr. Jayme Lima, de quem sempre se declarou partidario, para se converter ao ramo progressista do sr. Mattoso. O sr. Athanasio de Carvalho será reeleito como partidario e amigo pessoal e politico do sr. Mattoso. D'outra forma não faria parte da proxima vereação.

E' o mais que o franquismo poderia descer em Aveiro!

Tanta farronca, tanta ameaça, tanta basofia e, no fim, acabam por nem disputar a eleição municipal, convencidos da tremenda derrota que iriam apanhar. E' claro que ninguem acredita que os benemeritos *cavalheiros* deixam de ir á urna só para dar o prazer á camara actual de ser reeleita!

Não só perderiam a eleição, como seriam derrotados em TODAS as assembleias. Em TODAS! Não obteriam maioria N'UMA SÓ.

Tacs são as consequencias, tanta vez aqui por nós prophetisadas, d'uma politica infame.

Pela nossa parte, estamos satisfeito. Mais uma vez servimos os interesses d'esta terra servindo os interesses democraticos.

Servimos os interesses d'esta terra, já apoiando o sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, — e nenhum periodico o defendeu com mais energia do que este nas occasiões de crise — já mostrando bem aos aveirenses a necessidade extrema de se livrarem d'um bando de garotos e de especuladores que deshonravam Aveiro. Defendemos os interesses democraticos concorrendo poderosamente para a ruina d'um grupo politico que representava a reacção, para impedir o triumpho dos homens da Vera-Cruz colligados com os homens do Carmo, representados na imprensa por dois pasquins, que defendem sem rebuço a reacção, atacando, sem rebuço tambem, a democracia.

N'esses dois grupos, Carmo e Vera-Cruz, estava tudo quanto Aveiro contava de mais perigoso entre os reaccionarios. Entre elles figuravam os mais atrevidos inimigos da causa liberal, das tradições honradas d'esta terra. Era dever de todos os democratas combater-las á outrance. Pela nossa parte, cumprimos-lo, arrostando injurias, calumnias, infamias de toda a ordem, fazendo, sem trepidar, frente á immundicie. E é muito provavel, se não é certo, que sem a nossa attitude tivessem triumphado.

Cumprimos o nosso dever. E que acertámos, veio prova-lo a questão religiosa, ultimamente levantada em Aveiro, e a propaganda descaradamente reaccionaria, jesuitica, a que desde então se vem entregando o orgão dos francaceos n'esta terra.

Estamos satisfeito. Quereis fazer uma longa viagem sem vos fatigardes? Compraes a bicyclete

A "OSMOND"

Trabalha a reacção

Dizem de Braga: «Veio aqui o sr. Antonio Augusto Alves Affonso, importante capitalista de Cerva, Ribeira de Pena, a fim de entregar ao sr. arcebispo duzentas libras em ouro para a subscrição destinada á compra da corôa para a Immaculada Conceição».

Não descançam um só momento estes mineiros das trevas.

Talvez que um operario, chefe de familia, se dirigisse ao reaccionario capitalista implorando-lhe uma esmola para matar a fome aos seus, elle o impozesse com uma simples moeda de vintem, ou não lhe daria nada, dizendo-lhe que fosse trabalhar.

Custa a acreditar.

EPHEMERIDES DEMOCRATICAS

10 de outubro.—O Porto revolucionou-se contra a rainha D. Maria II, 1846. nomeando uma junta suprema composta de conde das Antas, presidente; José da Silva Passos, Francisco de Paula Lobo de Avila, Sebastião d'Almeida e Brito, Antonio Luiz de Seabra e Justino Ferreira Pinto Basto. Adherem ao movimento os regimentos d'infanteria 6 e 15, aquartelados no Porto. A rainha, logo que teve conhecimento d'esses factos, publicou uma proclamação onde, entre outras coisas, dizia: «Onde o rigor for indispensavel, generará meu coração, mas ha de ser inexoravel a severidade da justiça. Se tanto for preciso, o exercito, levando á sua frente meu amado esposo, e todos os subditos fieis, unidos n'uma só vontade, saberão voar, onde a desordem houver alçado o collo, e esmagar iniquas esperanças.»

A esta ameaça do esposo, respondiam os do Porto, cantando: ..... Apolo, de torvado Um pouco a luz perdeu, como enfiado.

11 de outubro.—Colombo avista pela primeira vez a terra do Novo Mundo, 1592. Morre Bonifacio VIII, 1303. Este papa excomungou Philippe o Bello. O rei mandou queimar a bulla e enviou a Roma alguns francezes, com Calone e Nogaref, os dois maiores inimigos d'esse papa. O 1.º esbofeteou-o, e o 2.º insultou-o, morrendo o papa, fulo de raiva, de um ataque apoplectico.

Batalha naval entre a esquadra dos liberaes e a esquadra miguelista, 40 milhas a oeste de Vigo, 1832, ficando a victoria indecisa.

12 de outubro.—Desembarca Colombo na America, 1492. D. Pedro é proclamado imperador do Brazil, 1822.

13 de outubro.—Eleições geraes de deputados, 1878, sendo a primeira vez que se apresenta em Portugal, no circulo de Alfama, em Lisbon, um candidato francamente republicano, o dr. Theophilo Braga, que acceita o mandato imperativo, obtendo 400 votos.

Impoente manifestação, 1881, dos republicanos e livres pensadores de Lisboa; mais de 2:000 pessoas acompanham a pé, desde a Graça até ao alto de S. João, os restos mortuos do republicano José Alves Bebianno.

14 de outubro.—Brilhante e completa victoria do partido republicano francez contra os reaccionarios colligados, 1877.

Mac Mahon, presidente da republica, bonapartista enragé, empregou todos os esforços para matar o regimen republicano. A 16 de maio deu o golpe de estado que ficou conhecido na historia pelo 16 de maio, demittindo bruscamente Jules Simon presidente do conselho, contra as indicações parlamentares, e substituindo-o por um ministerio monarchico clerical, presidido por Broglie, e de que era figura importante um tal sr. Forton.

Os republicanos, com Gambetta á frente, que desempenharam então um papel brillantissimo, resolverem resistir. A 18 de maio publicam o celebre manifesto dos 363, assim chamado porque era assignado por 363 deputados, que constituíam a maioria republicana. Entretanto, tinha Mac-Mahon adiado as camaras, que reabrem em 16 de junho, proferindo Gambetta n'esse dia um dos seus mais famosos discursos, que, prevendo a dissolução, terminou com estas palavras: «Eh bien, retenez bien ceci: nous allons aux élections, et j'ose affirmer que, de même qu'en 1830, on était parti 221, on est revenu 270, de même, en 1877, nous partons 363, nous reviendrons 400.»

Dissolvidas as camaras em 22 de junho, e feitas as eleições de 14 de outubro, não se confirmaram por completo as previsões de Gambetta. Dos 363 só foram reelitos 327, que constituíam, ainda assim, uma sólida maioria, de tal forma que Mac-Mahon, não tendo encontrado apoio no exercito para uma revolta militar, resolveu demittir-se. Gambetta tinha proferido contra elle a celebre phrase: se soumettre ou se demettre. Mac-Mahon optou pela demissão.

15 de outubro.—Combate na Vendéa, 1793, entre o exercito republicano e o exercito realista, ficando morto Bonchamps, chefe dos vendeanos.

16 de outubro.—E' guilhotinada em Paris Maria Antonieta, 1793.

Desde o mez de julho precedente que a ex-rainha de França, que o tribunal revolucionario tratava simplesmente por Viuva Capeto, estava se parada de seu filho, ao qual a Comuna acabava de nomear por tutor um dos seus membros, o sapateiro Simão. Não é verdade que este exercesse sobre o seu educando os maus tractos de que os escriptores realistas o accusavam, embora de palavras tratasse grosseiramente o príncipe.

A 14 de outubro começou o julgamento. A sua attitude no tribunal era calma. Só se notava que de vez em quando mexia os dedos como se estivesse tocando piano. As suas respostas são promptas, precisas, e laconicas. Hebert accusa-a de ter sido amante de seu proprio filho. Maria Antonieta não responde. Observando-lhe um dos juizes que ella se calava, replica com dignidade: «Não respondo a isso, porque a natureza recusa-se a responder a infamias de tal ordem. Appello para todas as mães». O tom em que isto é dicto commove o auditorio. Robespierre censura vivamente a brutalidade de Hebert. A's 4 horas da madrugada, depois de dois dias e duas noites de audiéncia, foi condemnada á morte. Tendes mais alguma coisa que allegar? perguntou o presidente. Maria Antonietta accenou com a cabeça negativamente.

A's onze horas da manhã foram a buscar. Levaram-na em cima d'uma carreta, como uma criminosa vulgar. A vestida de branco. Ao lado um padre, em trage civil. Escutada por numerosas tropas de infanteria e cavallaria.

Maria Antonieta ia como que abstracta, parecendo não reparar na multidão que enchia as ruas, nem ouvir os gritos de Viva a Republica, Abaixo a tyrannia, que se soltavam á sua passagem. Quando chegou, porém, á praça da Revolução, e deu com os olhos nas Tulherias, commoveu-se levemente. Mas foi commoção passageira. Subiu serenamente as escadas do cadafalso e estendeu o pescoço ao algoz.

Ao meio dia e um quarto deixava de existir. O algoz ergueu a cabeça, mostrando-a ao povo, e gritando: Viva a Republica.

Era um dos finais d'acto d'aquella immensa tragedia.

Casamento a praso...

Um romancista inglez, Jorge Meredith, acaba de publicar uma opinião, como remedio á grande desproporção que ha na Inglaterra entre o numero das mulheres e o dos homens. Os moralistas inglezes, realmente, andam de ha tempos bastante preocupados com o augmento constante da população feminina, muito superior á população masculina.

Como evitar este desequilibrio? Sabe-se que o celibato feminino é considerado um flagello entre os inglezes. E ao passo que nascem mais cinco por cento de mulheres que homens, a mortalidade masculina é mais importante que a feminina. É necessario notar, tambem, que um numero extraordinario de rapazes inglezes, solteiros, partem para as colonias em busca de trabalho e riqueza. Uns casam-se nos paizes para onde emigram, e outros regressam á metropole n'uma idade em que difficilmente se pensa no casamento.

O resultado é ser a Grã-Bretanha o paiz onde existem mais solteironas. Algumas d'ellas contintam-se com a sua sorte e procuram no trabalho ou em qualquer actividade intellectual enganar ou esquecer a fome do coração. Mas outras não se resignam, e se não conseguem esposos, tentam conquistar alguns filhos. Esta ultima classe de solteironas é a mais numerosa, e foi para estas que o eminente auctor do Richard Fenevel e do Amazing Marriage concebeu e expoz publicamente um projecto de lei, que lhe está valendo uma furiosa indignação dos seus compatriotas.

Jorge Meredith diz que não é justo possuir uma mulher e seu competente marido quando, á sua réda, dez outras mulheres estão votadas ao celibato. Partindo d'este axioma, o escriptor inglez observa que todas as uniões legitimas não são infallivelmente felizes do começo ao fim. O estudo psychologico e estatistico que Jorge Meredith fez, deu em resultado averiguar-se que na grande maioria dos casos o casamento deixou de ser... delicioso ao fim de dez annos. Para que continuar n'um tête-à-tête que não torna feliz nenhum dos dois esposos? Existe o divorcio na Inglaterra, mas essa ruptura é um processo brutal, hostil, escandaloso, e que é de uso merecer a mais ampla publicidade na imprensa. Não haverá, portanto, um outro meio mais simples, e menos hypocrita, e por isso mais honesto, que substitua o divorcio? O contracto puramente commercial, por exemplo. Quando um inquilino aluga uma casa, por mais entusiasta que se sinta com as prendas da sua nova morada, elle não cáe, decerto, na asneira de a alugar por toda a vida. Quando a casa deixa de agradar, o inquilino participa a sua resolução ao senhorio, o inquilino sae, e ficam ambos amigos. Ora, porque não se applica este processo tão simples e tão seguro ao mais importante dos contractos, áquelle que por sua natureza mais está sujeito ao erro, pois só o uso demonstra aos contractantes se estão ou não enganados? Não seria melhor estatuir a renovação facultativa, por periodos de tres annos, por exemplo, do contracto matrimonial?

Jorge Meredith não propõe periodos de tres annos, mas de dez. O illustro romancista é de opinião que, se ao fim de dez annos a reconciliação e o bom accordo dos conjuges não são possíveis, a ruptura torna-se necessaria e legitima. Marido e mulher, incompatíveis, tomariam a sua reciproca liberdade, ficando o primeiro encarregado da educação dos filhos, tanto um como outro, poderiam outra vez casar nas mesmas condições, temporariamente. D'esta forma, já as solteironas poderiam ter a probabilidade de um marido.

O projecto de Jorge Meredith é engenhoso e simples, mas talvez por isso seja impraticavel. De resto, o eminente escriptor inglez, que é um fino psychologo, devia lembrar-se de que a mulher perdêa mais facilmente o celibato, do que o repudio. Ahi está a razão porque os mais ferozes inimigos da lei do divorcio, foram exactamente as mulheres. Em tempos fez-se em França um plebiscito convidando as mulheres a dizer se aceitavam a validade do pedido de divorcio, mesmo feito por um dos conjuges. Todas responderam affirmativamente, mas sob a condição de ser o pedido feito por ellas. Explica-se d'esta forma que o projecto do escriptor inglez não conseguisse o applauso incondicional, mesmo das mulheres a quem elle queria conceder um marido...

REFORMA DA POLICIA

O Diario do Governo publicou os seguintes pormenores sobre a projectada reforma da policia:

«Consta-nos que a base principal da reforma consiste na criação d'um corpo de policia para todo o reino, comprehendendo duas divisões, uma com sede em Lisboa e a outra no Porto.

Os restantes districtos do paiz comprehendem as secções policiaes, subordinadas ao respectivo commando da divisão.

A primeira divisão com sede em Lisboa exerce a sua jurisdicção policial desde o districto de Coimbra até ao Algarve; a divisão do Porto tem a superintendencia desde o districto de Aveiro até Bragança.

Em cada districto, que, como dissemos, é considerado uma secção, será o commando entregue a um official do exercito, com a patente de tenente ou capitão.

O corpo policial do reino terá um effectivo approximado de 4:000 homens. Segundo a reforma todos os concelhos do paiz terão serviço de policia permanente conforme a densidade da sua população, preenchendo se assim uma lactna importante.

São mantidos todos os actuaes direitos adquiridos ao pessoal existente em todos os districtos uniformisando-se os ordenados, constando que o pret na provincia é de 500 réis e em Lisboa de 550 réis. Onde ha commissarios passam a exercer as funções de chefes de secção de policia nos respectivos districtos, sendo de futuro esses cargos providos por officines do exercito.

Pela reforma o commando tem a sede em Lisboa, exercendo apenas as funções disciplinares; na parte administrativa, a policia fica subordinada ás autoridades superiores das localidades.»

Quereis subir todas as rampas sem vos fatigardes? Compraes a bicyclete

A "OSMOND,"

FOLHETIM A CALDEIRA DE PERO BOTELHO POR ARNALDO GAMA

E depois de um momento de silencio continuou: — Ha tres mezes que morreu meu pae; ha dois que estou escondido n'esta casa omo rato em toca, sem fallar com folgado vivo, porque tu, tal como andas, és fulgo morto; sem ver o sol nem a lua, e dado já por todos os amigos a caminho da Madeira, para onde annunciaste que partias. E tudo isto á espera que se nos assase occasião de roubar a moça e eu pôr-me com ella a andar. Eis que chega a sobredita occasião; a occasião de te vingares do Moura e de te assestares de D. Beatriz; a occasião enfim da minha liberdade; da minha alforria, de me partir para a ilha a visitar as desideradas pellas; e tu recebes-la com lagrimas, com melancolias, amofinas te, desesperas-te, e ainda por cima, amarrotas-me o pelete do ro, com que eu contava para conquistar as nimphas da Catheta, naidum pulcher-

rimas, como diz Virgilio, e que são, como elle tambem diz... (Emperra para ali, Diogo de Teive: leve o diabo a cordancia)... e que são

..... Ulymo mihi dulcior Hyblae, Candidior cyenis, hedera formosior alba.

Portanto, Diogo Botelho, amigo, juro a Deus que estás fóra de teu siso natural. Dici. Ora vê—continua logo—vê se me dá aqui uma emposta, e me ajudas a atar as onlançaduras da couraça, que, pelo visto, estas perras ultimas apofiam em me escoregar por entre os dedos.

Diogo Botelho aproximou-se, e poz-se a prestar ao amigo o serviço, que elle lhe pedia, dizendo ao mesmo tempo: — Simão de Ornellas em bem sei quanto te devo. O que me pesa é que por minha causa hajas de suspender teus estudos...

— Que, homem, que suspender!—atallhou Simão de Ornellas.—Tu bem sabes que ha muito que estou determinado a fazel-o, porque, a fallar a verdade, eu não nasci para estas coisas. Ha cinco annos que curso Artes, e nunca dei n'ella carreira direita; nunca acertei bem com o sentido de um verso de Virgilio nem com a medição de uma ode de Horacio. E como fazel-o? Se ouvir ler mestre Diogo de Teive é peor que ouvir cantar o deão da Sé, que é fanhoso, e canta, arranhando, pelo nariz. Será melhor ouvir ler Galeno ao doutor Grego, testamento velho ao doutor Romeu ou juris-

prudencia cesárea ao doutor Fabio. (1) Porém mestre Diogo de Teive!... Fazam-me favor. Eil'o que sobe á cadeira, senta-se na banquetta, aconchega a sotaína, puxa do cartapacio, abre-o, desempena a garganta com ronco payoroso, e principia: — Quinti Horatii Flacci opera, que extant. Carminum seu odarum liber pri-

(1) Estes tres lentes foram mandados vir de França e de Italia por el-rei D. João III, quando trasladou a Universidade para Coimbra. O doutor Luiz Grego, lente de medicina, preleccionava sobre as theorias de Galeno. O dr. Marcos Romeu, lente de theologia, explicava o testamento velho. Era portuguez, mas doutor pela Sorbonne, onde era professor. O dr. Fabio Arcus Arnanica, romano, foi mandado vir para substituir o dr. Gongalo Vaz Pinto na cadeira de prima da faculdade de leis, e ganhava 360\$000 annuaes e 22\$000 para casus; ao todo 382\$000 reis. Ora se nos lembrarmos que 382\$000 reis são pouco menos de metade do ordenado que recebe hoje um lente da Universidade; e se attendermos a que o dinheiro representava então muito mais do duplo do valor que actualmente representa, temos de concluir que o fanatico e imbecil D. João III dava mais apreço á instrucção publica, do que os illustrados e liberaes governos de hoje. Isto já lá vai ha tres seculos. Muito agrade devoras este nosso Portugal.

mus, ode quinta. Merum nectar esse hanc oden agnoscit Solinus hypercriticus. E logo continui: Hec ode est tricolos tetrastraphos. Priores duos versus asclepiadei sunt; constant ex spondeo, duobus choriambis et pyrrichio vel jumbo. Sic scandere licet: — Quis mul-ta gracilis-te puer in-rosa; vel isto modo faciliori: —

Quis mul-ta gracilis-te puer-in rosa. Tertius quisque est pherecratius herouus trimeter, est spondeo, dactylo, spondeo. Sic: Grato—Pyrrha sub antlo.

Quartus est glyconius seu choriambicus trimeter, constans est spondeo, corymbio et pyrrichio. Ita scanditur: Cui fla—vam retigas—comam. 1

E assim por diante. Dou-me ao demão—exclamou aqui de subito Simão d'Ornellas altamente indignado—don-me ao demão se á segunda palavra eu não cabi sempre a dormir como pedra em póço. Antes cinco mil

(1) Para os leitores, que sabem latim, para esses é que foram escriptas as linhas acima. Os factos poderão avaliar a força da massada de que o pobre Simão d'Ornellas blasphemava. Os outros que se não queixem do author lhes não dar a tradução d'ella. Fiquem sabendo que tanto entenderiam a tradução como o original. Toda aquella abstrusa salsada diz respeito á medição dos versos horacianos. A estes leitores teho

annos de purgatorio do que cinco minutos a ouvir mestre Diogo de Teive a fallar em asclepiadeus, pyrrichius, choriambus, trimeter, jambus, spondeus, tricolos tetrastraphos dicolos distrophos, monoclos, dactylus, alchibus, pentamer, acatalectus, e um milhão de diabos, que o carreguem com mestre Diogo de Teive, com mestre André de Gouveia, com mestre Arnaldo Fabricio, com mestre Jorge Buchanan, com mestre Elias, com mestre Antonio Mendes, com mestre Jacques, e com todo o collegio das Artes enfim, onde se lêem esta geringonças, em que desbaratam a vida moços galhardos e esforçados, que melhor aproveitados seriam se os mandassem servir el-rei nas fortalezas d'África ou da India. Mas eis-me de ponto em branco—acresscentou, acabando de aveluar a espada—vamos pois ao que serve. Que novas de Figueira?

tambem a dizer que os muitos latinórios, que se encontram nos primeiros capitulos d'esta novella, são n'elles postos para satisfazer á obrigação historica. Sem elles ficaria falsa e impe-feita a feição caracteristica da Universidade d'aquella epocha na qual só se fallava latim ou grego, e era tido á conta de grande vergonha o fallar-se portuguez. Os lentes eram obrigados a preleccionar em latim. A mania era tal que os estatutos de 1591 impunham aos lentes a multa de 100 réis, por cada vez que preleccionassem em lingua vulgar. (Continúa).

# METHODO JOÃO DE DEUS

## LEITURA

**Primeira parte—Cartilha Maternal ou Arte de Leitura**—16.<sup>a</sup> ed., cart. 300 réis, broch.  
**Album**, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande  
**Quadros Parietaes**, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões.  
*Segunda parte—Os Deveres dos Filhos*—16.<sup>a</sup> ed., cart., 300 réis, broch.  
**Guia prático e teórico da Cartilha Maternal**—1 vol. de 170 pag., compilado por João de Deus Ramos.....

## ESCRIPTA

**Arte de Escripção**—(2.<sup>a</sup> ed., melhorada), 9 cadernos com algumas explicações práticas, cada.....

## Livros de polémica sobre o Método

**A Cartilha Maternal e o Apostolado**..... 500  
**A Cartilha Maternal e a Crítica**..... 500

Do mesmo auctor:

## LITTERATURA

**Campo de Flôres**—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.<sup>a</sup> ed. 700  
**Prosas**—Coordenadas por Theophilo Braga..... 800

## DEPOSITO GERAL

### Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.<sup>o</sup>—LISBOA

As livrarias, municipios, institutos de ensino, etc., que requisitarem no Deposito geral das obras escolares de João de Deus mais de 20 exemplares, terão a seu favor o desconto de 20 por cento; 500 exemplares (podendo ser 250 da Cartilha e 250 dos Deveres, ou em porções designaes d'estes livros), 25 por cento; assim como de 1 a 9 collecções de Quadros Parietaes, ou de Albus, 20 por cento; 10 collecções, 25 por cento.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.<sup>o</sup> (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

## ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

—DE—

### Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

## AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. *Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

### Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

# MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

## AVEIRO

75—RU DE JOSÉ ESTEVÃO—79

## MACHINA MARINONI

COMPRA-SE uma já usada, convindo em preço. Carta a esta redacção com as condições.

## BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

## PADARIA FERREIRA & MACEDO

AOS ARCOS AVEIRO

NESTE estabelecimento de padaria, especial no seu genero em pão de todas as qualidades, se encontra á venda:

Pão proprio para os diabeticos, pão torrado e ralado, café de 1.<sup>a</sup> qualidade, a 720 réis cada kilo; dito de 2.<sup>a</sup>, a 480; chá, desde 18600 a 34600 o kilo; massas alimenticias de 1.<sup>a</sup> qualidade, a 140 o kilo; ditas de 2.<sup>a</sup>, a 120; vellas marca Sol, cada pacote, a 180; ditas marca Nevio, a 170; bolachas e biscoitos, pelos preços das principaes fabricas da capital.

Vinhos finos e de meza, por preços modicos.

Todos estes generos se mandam a casa do consumidor á hora que o exigir.

## Aos agricultores

Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em saccas de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas, á Praça do Peixe—AVEIRO.

Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que fór applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submeter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

José Monteiro Telles dos Santos J.



## DENTISTA MECANICO

Colloca dentes e dentaduras artificiaes. Conserta qualquer dentadura partida, ou a que falte qualquer dente; obtura a ouro, prata, platina, e a cemento, tudo por preços baratos. Não se recebe qualquer quantia ficando o trabalho imperfeito. RUA DA COSTEIRA (Em frente da Estatueta de JOSÉ ESTEVAM)

## Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de productos do matadouro de Lisboa, sangue secco e pulverizado para adubos (o mais rico em azote,) couros, sebo, e tripa a 200 réis o masso.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

# EMPREZA CERAMICA

DA

## FONTE NOVA

DE

### Mello Guimarães & Irmãos

## AVEIRO

FABRICA a vapor de telha do systema de Marselha, feita pelos processos mais modernos e aperfeiçoados.

Encontra-se á venda n'esta fabrica grande quantidade de telha franceza e seus accessorios, e bem assim outros artigos para construcções, taes como: azulejos para revestimento de paredes de variados gostos, vasos para frontarias, siphões, balaustres, manilhas, etc., productos que rivalisam com os das principaes fabricas congeneres do paiz.

Tejolos de varias dimensões.

## PREÇOS MODICOS

## JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de salla. Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

## Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA—SANGALHOS

## ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

E FERRAGENS

—DE—

### ANTONIO FERREIRA FELIX,

Filhos (Sucessores)

NESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechões, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rédeas para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 a 45—AVEIRO